



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

TRANSFORMAÇÕES RECENTES DO AGRONEGÓCIO MINEIRO: UMA ANÁLISE DE INDICADORES DE COMÉRCIO EXTERIOR NO PERÍODO DE 1996 A 2006^{1 2}

Luiz Eduardo de Vasconcelos Rocha³
Wilson Teixeira de Andrade Leite⁴

Resumo – O propósito deste trabalho foi analisar a especialização e a competitividade da agroindústria do estado de Minas Gerais e sua contribuição para a expansão das exportações brasileiras. Para isso, foram utilizados alguns indicadores baseados nos fluxos comerciais, os quais permitem identificar a tendência da especialização no mercado internacional. A análise da evolução da estrutura do comércio exterior e das vantagens competitivas demonstrou a diversificação do agronegócio mineiro, iniciada a partir de 1999 com o aumento de capítulos identificados como *ponto forte* na economia. O Estado manteve a competitividade dos setores tradicionais, como *café e madeira*, e ainda diversificou a sua produção para outros setores com maior valor agregado. Entretanto, o indicador de competitividade para Minas Gerais foi *neutro*, isso porque o setor apresentou desvantagem competitiva revelada, que vem sendo gradativamente revertida. Se esse segmento mantiver tal tendência, não há dúvidas de que, em futuro próximo, o agronegócio será qualificado como *ponto forte* da economia mineira.

Palavras-chave: vantagem competitiva, especialização, agronegócio mineiro.

¹ Recebido em 13/07/2007. Aceito em: 28/09/2007.

² Os autores agradecem as sugestões de dois pareceristas anônimos da Revista. Os possíveis erros remanescentes são de responsabilidade exclusiva dos autores.

³ Professor da Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ. E-mail: levrocha@ufsj.edu.br

⁴ Pós-graduando em Economia e Gestão do Agronegócio – UFSJ. E-mail: wilson.04@mgconecta.com.br

1. Introdução

Atualmente, o agronegócio tem importância fundamental para diversos setores da economia brasileira. Na geração de emprego, responde por 35% da população economicamente ativa; na geração de riquezas, contribui com, aproximadamente, 31% do produto interno bruto do país; e, nas contas externas, é responsável por grande parte do superávit da balança comercial, com participação de 42% das exportações brasileiras.

Segundo Jank et al. (2005), o atual estágio de desenvolvimento do agronegócio brasileiro, que coloca o país entre as nações mais competitivas do mundo na produção de *commodities* agroindustriais, teve o seu momento de inflexão a partir de 2000, com a desvalorização do real e com o aumento da demanda no mercado internacional. Desde então até 2006, a produção de grãos passou de 57,8 milhões para 126 milhões de toneladas e as exportações, de 18,1 bilhões para 46,2 bilhões, apresentando taxa de crescimento anual de 19,7%.

Esse desempenho notável de um lado contou com a combinação de fatores que, desde a década de 70, deu suporte ao setor, como investimentos em pesquisa e tecnologia, aumento da produtividade, redução na intervenção do governo com a desregulamentação dos mercados, abertura comercial e estabilização da economia com o Plano Real. Deve-se ressaltar, no entanto, que a mudança de postura do setor em relação ao mercado externo também deu a sua contribuição. Se, antes, a atividade exportadora era encarada sob a ótica do escoamento de excedentes, atualmente ela é vista como complemento ao mercado interno, em que ganhar mercado passou a ser uma obsessão. Nesse sentido, o crescimento das exportações brasileiras se deve, em parte, à capacidade que o setor vem demonstrando em defender seus interesses nas negociações nos fóruns internacionais. A perspectiva futura do setor agroindustrial brasileiro depende do sucesso dessas negociações na redução das barreiras e proteções tarifárias, que incidem sobre 90% de tudo que o setor exporta⁵.

⁵ Atualmente, o Brasil está envolvido simultaneamente em três rodadas de negociações, quais sejam, Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), acordo bilateral União Européia-Mercosul e Organização Mundial do Comércio (OMC).

Nesse contexto, o propósito do trabalho é analisar a especialização e a competitividade da agroindústria do estado de Minas Gerais e sua contribuição na expansão das exportações brasileiras, no período de 1996 a 2006. Para isso, utilizaram-se alguns indicadores baseados nos fluxos comerciais, os quais permitem identificar a tendência da especialização do agronegócio mineiro no mercado internacional. Além dessa introdução, o trabalho foi composto de mais três seções. Na próxima, descrevem-se brevemente as metodologias utilizadas para identificar a especialização e competitividade das exportações, a composição do setor agroindustrial e as fontes de dados; em seguida, apresentam-se a estrutura, o destino das exportações do Estado e os resultados dos indicadores; e, no final, são comentadas as conclusões.

2. Metodologia

Nesta seção, inicialmente foram descritos os indicadores propostos por Balassa (1965) e, posteriormente, por Lafay (1990), para mensurar a especialização da economia regional no mercado internacional. Com o processo de globalização e a abertura brasileira, iniciados no final da década de 80, vários autores, como Fernandes e Vieira (2000), Maia (2005) e Hidalgo (1998), utilizaram esses indicadores para mensurar a dinâmica da especialização da economia brasileira. Posteriormente, foram descritos o conceito e a composição do agronegócio e, também, a fonte dos dados.

2.1. Vantagem comparativa revelada

Para mensuração da vantagem comparativa revelada (VCR) não é necessária a ocorrência do comércio bilateral, na medida em que o indicador é calculado a partir dos preços relativos dos bens (Fernandes; Vieira, 2000). Pelo índice de VCR calcula-se a participação das exportações de dado produto de determinada região, em relação à participação dessa região, no total das exportações do país. Assim, o

indicador para uma região j, em um grupo de produtos i, pode ser definido pela seguinte forma:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij} / X_{iz}}{X_j / X_z}, \quad (1)$$

em que X_{ij} é o valor das exportações do produto i, na região j; X_{iz} , valor das exportações do produto i, na zona de referência z; X_j , valor total das exportações da região j; finalmente, X_z , valor total das exportações da zona de referência z.

Quanto maior for o volume exportado de determinado produto por uma região, com relação ao volume total exportado desse mesmo produto, maior será a vantagem comparativa na produção desse bem. Para VCR_{ij} maior que a unidade, admite-se que o produto i apresente vantagem comparativa revelada; para valores menores que a unidade, o produto i apresenta desvantagem comparativa revelada.

2.2. Contribuição para o saldo comercial

O índice de contribuição para o saldo comercial (ICSC), definido por Lafay (1990), consiste na comparação do saldo comercial observado de cada produto, ou grupo de produtos, com o saldo comercial teórico desse mesmo produto. O indicador ICSC de um produto ou de grupo de produtos i, em uma região j, pode ser apresentado da seguinte forma:

$$ICSC_{ij} = \frac{100}{(X + M) / 2} \cdot \left[(X_i - M_i) - (X - M) \cdot \frac{(X_i + M_i)}{(X + M)} \right], \quad (2)$$

em que X_i representa as exportações do bem i e; M_i , importações do bem i . O primeiro termo entre colchetes representa a balança comercial observada do produto i , enquanto o segundo corresponde à balança comercial teórica do produto i . Quando $ICSC_{ij}$ tiver valor positivo, considera-se que o produto i apresentará vantagem comparativa revelada; para valores negativos, o produto exibirá desvantagem.

2.3. Taxa de cobertura

Segundo Gutman e Miotti (1996), o cálculo da taxa de cobertura (TC) permite determinar os *pontos fortes e fracos* na especialização de uma economia regional. A taxa de cobertura do produto i é definida da seguinte forma:

$$TC_i = \frac{X_i}{M_i}, \quad (3)$$

em que X_i são as exportações e M_i , importações do produto i ou de grupo de produtos de dada região.

Os produtos que apresentam, simultaneamente, vantagem comparativa revelada (VCR) e taxa de cobertura (TC) superior à unidade são considerados *pontos fortes* da economia, enquanto os com desvantagem comparativa revelada e, simultaneamente, com taxa de cobertura inferior à unidade são considerados *pontos fracos*. No caso em que se observarem vantagem comparativa e taxa de cobertura inferior à unidade ou vive-versa, o produto será considerado *ponto neutro*. A identificação desses pontos fortes e fracos permite determinar os produtos com melhores oportunidades de inserção comercial.

2.4. Composição do agronegócio e fonte de dados

Segundo Bacha (2004), o agronegócio ou complexo agroindustrial (CAI) representa o conjunto de atividades realizadas pela agropecuária e pelos setores a ela vinculados, ou seja, trata-se do “conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e à transformação dos produtos agropecuários”⁶.

Dada a amplitude do conceito, análises e instituições que abordam o cômputo de estatística da balança comercial do agronegócio adotam diferentes metodologias para a composição do setor. A Organização Mundial do Comércio (OMC), a partir do sistema harmonizado de mercadorias (SHM), apresenta uma composição mais restrita para o setor. Em contraposição, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) utiliza uma definição mais ampla, incluindo uma gama maior de produtos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Neste trabalho, adotou-se uma definição intermediária à da OMC e à do MAPA. O conceito inclui todos os produtos da NCM que pertencem à cadeia produtiva de uma matéria-prima agropecuária, independentemente do nível de agregação, sendo constituído pelos seguintes capítulos: 1 a 24, 41, 42, 44, 45, 47, 48 e 50 a 53.

Os índices que irão mensurar a dinâmica da especialização do agronegócio mineiro, calculados a partir das informações das exportações e importações mineiras e brasileiras para os 34 capítulos que compõem o agronegócio, segundo a definição adotada neste trabalho, utilizarão dados do comércio exterior disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (SECEX/MICT), disponíveis por meio do sistema Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE). As informações são agregadas em 22 seções, que, por sua vez, são compostas de 99 capítulos, que se subdividem em produtos com especificações de até oito dígitos.

⁶ Esse conceito e as suas diferenciações são apresentados, de forma mais pormenorizada, por Zylbersztajn (2000).

3. Análise empírica

Nesta seção são apresentadas, primeiramente, a balança comercial do agronegócio brasileiro e a contribuição do Estado de Minas Gerais para o superávit do país, destacando-se os principais produtos e os destinos das exportações do agronegócio mineiro. Posteriormente, a partir dos indicadores de comércio exterior descreve-se a dinâmica da especialização do estado de Minas no período de 1996 a 2006.

3.1.1. Balança comercial, pauta e destino das exportações

Os dados da Tabela 1 indicam o extraordinário crescimento das exportações e, como consequência, dos superávits do agronegócio brasileiro e mineiro no período de 1996 a 2006. No caso do Brasil, pode-se dividir o período em duas fases, antes e depois de 2000, ano em que se iniciou o novo ciclo de crescimento das exportações.

Tabela 1 – Balança comercial do agronegócio, Brasil e Minas Gerais

Anos	Brasil			Minas Gerais			Part. %
	Exportações	Importações	Saldo (a)	Exportações	Importações	Saldo (b)	b/a
1996	18,71	8,46	10,25	1,35	0,32	1,03	0,10
1997	21,00	7,74	13,26	2,29	0,30	1,99	0,15
1998	19,51	7,68	11,83	2,18	0,27	1,91	0,16
1999	18,49	5,43	13,06	1,83	0,21	1,62	0,12
2000	18,17	5,49	12,68	1,67	0,19	1,48	0,12
2001	21,38	4,56	16,82	1,62	0,15	1,47	0,09
2002	22,40	4,22	18,18	1,65	0,13	1,52	0,08
2003	27,97	4,48	23,49	1,98	0,14	1,84	0,08
2004	35,91	4,45	31,46	2,57	0,12	2,45	0,08
2005	40,32	4,65	35,67	3,67	0,13	3,54	0,10
2006	46,22	6,04	40,18	4,21	0,19	4,02	0,10

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria).

Até 1997, os preços internacionais das principais *commodities* brasileiras estavam elevados, mas, com o câmbio valorizado, a vantagem de preço era anulada. De 1997 a 1999, observa-se o período de crise para a agricultura brasileira, pois os preços decresceram e o câmbio continuou valorizado, contando ainda com uma taxa de juros real elevada. A partir de 2000, com a desvalorização do câmbio e com a alta de preços no mercado internacional, inicia-se o ciclo de crescimento. As exportações brasileiras, de 2000 a 2006, passaram de US\$ 18,7 bilhões para 46,2 US\$ bilhões, o que significa uma taxa anual de crescimento de 19,7%. Como as importações no período permaneceram por volta de US\$ 5 bilhões, o superávit do setor cresceu a uma taxa anual de 26%, passando de US\$ 12,6 bilhões para a expressiva cifra de US\$ 40,1 bilhões. Esse superávit tem contribuído, em parte, para a estabilidade atual da economia, em que se observa a melhoria dos fundamentos macroeconômicos do Brasil.

Tabela 2 – Principais setores exportadores do agronegócio mineiro, 1996-2006

Capítulos	1996		2000		2006	
	US\$ mil Fob	Part. (%)	US\$ mil Fob	Part. (%)	US\$ mil Fob	Part. (%)
2 Carnes e miúdezas comestíveis	9.121	0,67	33.666	2,00	449.788	10,68
4 Leite e laticínios, ovos de aves, etc.	663	0,05	4.412	0,26	41.576	0,98
9 Café, chá-mate e especiarias	898.710	66,16	996.803	59,47	2.146.318	50,98
12 Sementes e frutas oleaginosas, etc.	53.311	3,92	76.559	4,56	268.250	6,37
17 Açúcares e produtos de confeitaria	10.513	0,77	10.345	0,61	384.606	9,13
47 Pastas de madeira, etc.	197.144	14,51	369.352	22,03	431.562	10,25
Subtotal	1.169.461	86,09	1.491.137	88,93	3.722.100	88,39
Outras	188.935	13,91	184.908	11,07	487.917	11,61
Total	1.358.397	100	1.676.045	100	4.210.017	100

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria).

Os desempenhos da balança comercial dos agronegócios mineiro e brasileiro diferem em razão do grande peso do capítulo 9, *café, chá-mate e especiarias*, nas exportações totais do estado de Minas. Isso pode ser constatado ao se analisarem os dados da Tabela 2. Em 1996, os produtos do capítulo 9 eram responsáveis por 66% das exportações totais, chegando, em 2006, apesar da tendência de queda, à expressiva participação de 51%. Nesse sentido, variações de preço ou de quantidade do produto causam grande impacto nas contas externas do setor.

De 1996 a 1999, quando as exportações do agronegócio brasileiro se encontravam estagnadas, as exportações mineiras tiveram aumento de 61,4%, em razão, basicamente, da elevação dos preços do café no mercado internacional, expandindo a participação de Minas no superávit brasileiro de 10% para 16%. A partir de 2000, quando as exportações brasileiras iniciam o processo de recuperação, as exportações mineiras ficam estagnadas até 2003, em torno de US\$ 1,6 bilhão. Isso ocorreu, em parte, devido ao decréscimo, de 1998 a 2003, de quase 60% nos preços do capítulo 9 (Gráfico 1), que voltaram a crescer a partir deste ano, em virtude da recuperação dos preços do café, da diversificação da pauta e do aumento nas exportações e, também, da abertura de novos mercados.

De 2003 a 2006, as exportações do Estado mais que dobraram, passando de

US\$ 1,9 bilhão para US\$ 4,2 bilhões. Conforme dados da Tabela 2, no início desse período, o capítulo 9, *café, chá e outras especiarias*, e o 47, *pastas de madeira, etc.*, eram responsáveis por 80,6% das exportações mineiras; a partir de então, verifica-se um processo de desconcentração das exportações. Em 2006, os capítulos 2 – *carnes e miudezas comestíveis*, 12 – *sementes e frutos oleaginosos*, 17 – *açucars e produtos de confeitaria*, que antes tinham participação insignificante, passaram a responder, conjuntamente, por 26% das exportações totais do Estado.

O ciclo de crescimento das exportações do agronegócio mineiro, iniciado em 2003, além da diversificação da pauta, contou com dois outros fatores, quais sejam, aumento do *quantum* exportado e alta dos preços no mercado internacional, em uma conjuntura de câmbio real desvalorizado. Os dados do Gráfico 1 indicam que, a partir de 2002, os cinco principais capítulos da pauta de exportação iniciam recuperação dos seus preços no mercado internacional, os quais foram calculados pela divisão da receita de exportação, em dólar americano, pela quantidade exportada, a partir das informações disponibilizadas no banco de dados do sistema Alice/Secex.

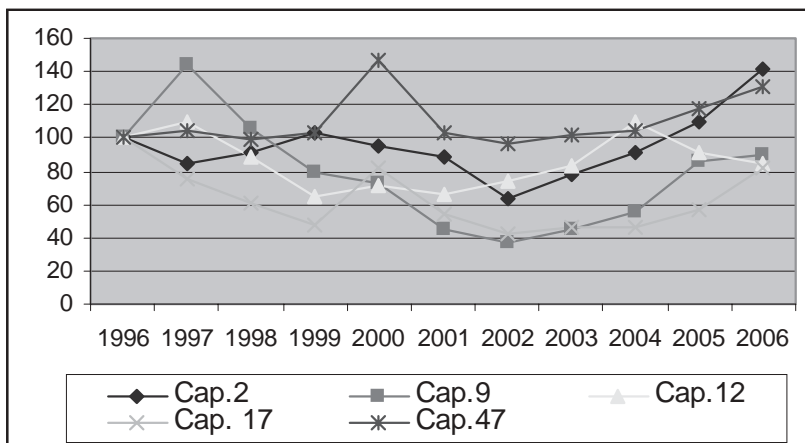


Gráfico 1 – Índices de preços das exportações do agronegócio mineiro dos capítulos 2, 9, 12, 17 e 47, no período de 1996 a 2006

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria. Base 100 = 1996).

O Gráfico 2 demonstra que os produtos mais tradicionais da pauta de exportação do Estado, como os capítulos 9 e 47, entre 1996 e 2000, apresentaram pequeno aumento no *quantum* exportado. A partir de então, observa-se crescimento mais vigoroso, chegando a exportar, ao final do período, respectivamente 200% e 100% mais que em 1996. Com relação ao capítulo 12, *sementes e frutos oleaginosos*, a primeira fase de crescimento do *quantum* exportado ocorreu em 1998, com acréscimo de 100% nas exportações. Desde então até 2001, as exportações estabilizaram-se e, a partir de 2002, houve vigoroso aumento, apresentando, em 2006, um crescimento de 400% em relação ao início do período.

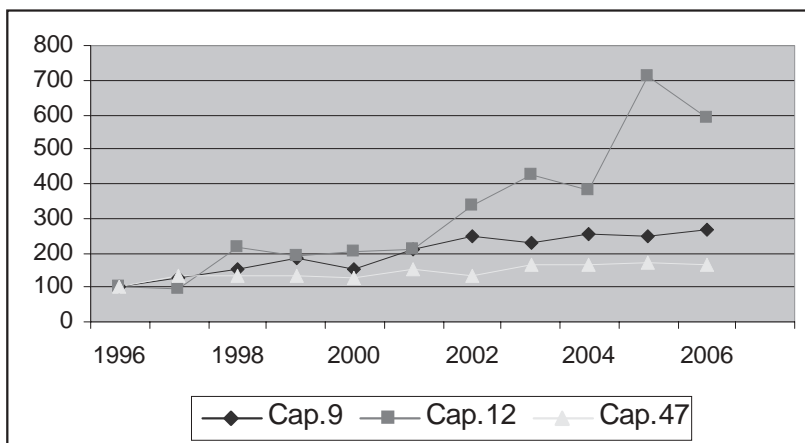


Gráfico 2 – Índices de *quantum* das exportações do agronegócio mineiro dos capítulos 9, 12 e 47, no período de 1996 a 2006

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria. Base 100 = 1996).

No Gráfico 3, observa-se que os capítulos 2, *carnes e miudezas comestíveis*, e 17, *açúcares e produtos de confeitaria*, contavam, em 1996, com participações insignificantes, visto que respondiam por menos de 1% das exportações totais do Estado. O capítulo 2 inicia o ciclo de crescimento em 2000 e chega, ao final do período, ao volume de exportações 3.000% superior ao verificado em 1996. Já o capítulo 17, apesar de ter crescido na fase anterior, inicia também, em 2000, um crescimento contínuo, chegando ao final do período com volume de exportações de 4.200% superior ao de 1996.

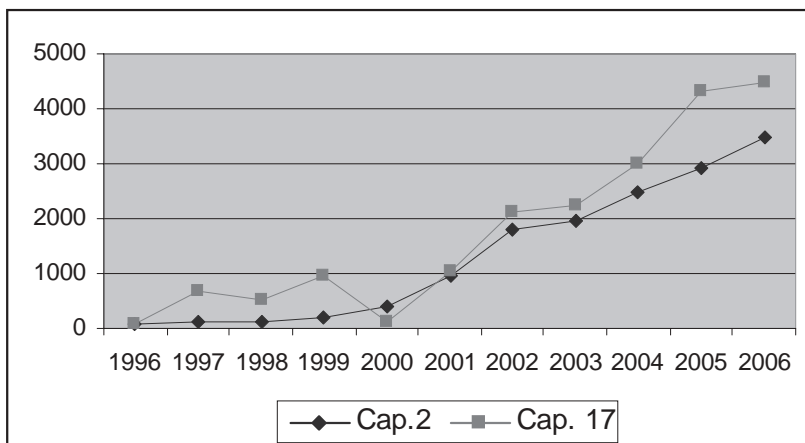


Gráfico 3 - Índices de *quantum* das exportações do agronegócio mineiro dos capítulos 2 e 17, no período de 1996 a 2006

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria. Base 100 = 1996).

Na Tabela 3, que descreve o destino das exportações do agronegócio mineiro por regiões e blocos econômicos, verifica-se que as receitas das exportações, no período de 2000 a 2006, com exceção do Mercosul, aumentaram em todas as regiões e blocos econômicos. Cabe destacar o crescimento de 262,1% nas receitas dos “novos mercados”, o qual superou o verificado nos “mercados tradicionais”, de 114,1%, e “nos demais mercados”, de 154,7%. Esse comportamento resultou na desconcentração dos destinos das exportações do agronegócio mineiro. É importante destacar que 31% das exportações, em 2006, se destinaram a “novos mercados, enquanto em 2000 essa parcela foi de 21,5%. Nos mercados tradicionais, essa participação caiu para 55,8%, enquanto em 2000 era de 65,5%. A diversificação do mercado tem significado importante para o setor, na medida em que reduz a dependência de mercados como União Européia e Nafta, que, apesar de participarem de fóruns internacionais de liberalização comerciais, ainda insistem em manter, principalmente para o setor agrícola, políticas comerciais protecionistas e altas barreiras tarifárias. No entanto, o que se verifica é que grande parte do sucesso do agronegócio mineiro se deve à estratégia de ampliar o mercado; nesse

sentido, vale ressaltar o crescimento da participação dos países da África, Europa Oriental e Oriente Médio nas exportações do setor.

Tabela 3 – Destino das exportações do agronegócio mineiro por regiões e blocos econômicos – 2000 e 2006 (US\$)

	2006	Part. %	2000	Part. %	Var.%
Mercados tradicionais	2.349.057.033	55,8	1.097.331.349	65,5	114,1
Nafta	485.032.220	11,5	216.049.365	12,9	124,5
União Européia	1.732.283.810	41,1	832.274.457	49,7	108,1
Mercosul	19.922.916	0,5	20.025.835	1,2	-0,5
Aladi (excl. Mercosul)	111.818.087	2,7	28.981.692	1,7	285,8
Novos mercados	1.304.668.549	31,0	360.341.450	21,5	262,1
Ásia (excl. Oriente Médio)	761.595.681	18,1	320.099.780	19,1	137,9
África (excl. Oriente Médio)	195.028.472	4,6	7.033.099	0,4	2673,0
Europa Oriental	206.357.153	4,9	4.805.244	0,3	4194,4
Oriente Médio	141.687.243	3,4	28.403.327	1,7	398,8
Demais países	556.291.418	13,2	218.372.201	13,0	154,7
TOTAL	4.210.017.000	100	1.676.045.000	100	151,2

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria).

3.2. Indicadores de comércio exterior

Os indicadores da vantagem comparativa revelada (VCR), descritos na Tabela 4, demonstram a dinâmica da especialização e competitividade do agronegócio mineiro, desagregado em 34 capítulos, no período de 1996 a 2006. Como foi apresentado na metodologia, se o indicador for superior à unidade, isso significa que a participação das exportações do Estado nas exportações do país, em dado produto, será superior a essa mesma relação nas exportações totais do agronegócio. Para facilitar a análise da Tabela 4, os indicadores maiores que a unidade estão descritos em negrito.

O estado de Minas Gerais apresenta vantagem comparativa nos capítulos 9, *café, chá- mate e especiarias*, e 47, *pastas de madeira etc.*, em todo o período. O capítulo 9, em 1996, com indicador de 6,77, iniciou a consolidação das vantagens, chegando em 2004 com o expressivo valor de 9,41. Após esse ano, o indicador passa por uma perda, terminando o período com o índice de 7,54. No capítulo 47, de 1996 a 2001, o indicador passa de 2,72 para 3,28. Após esse período, observa-se decréscimo do indicador, que chega em 2006 com o valor de 1,91.

Tabela 4 – Vantagem comparativa revelada (VCR) do agronegócio mineiro, desagregado por capítulos, 1996 a 2006

CAPÍTULOS		1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1	Animais vivos	5,27	2,20	2,28	2,06	1,73	1,57	2,09	0,68	2,66	0,49	0,23
2	Carnes e miudezas, comestíveis	0,10	0,06	0,07	0,11	0,23	0,41	0,51	0,54	0,52	0,44	0,67
3	Peixes e crustáceos, moluscos e outros	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
4	Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	0,37	1,25	0,95	1,29	1,92	2,30	2,18	1,24	2,43	1,35	2,39
5	Outros produtos de origem animal	0,12	0,11	0,21	0,40	0,81	0,65	0,59	0,53	0,49	0,32	0,43
6	Plantas vivas e produtos de floricultura	1,64	0,97	0,90	1,16	1,05	1,23	1,05	1,24	0,85	0,62	0,61
7	Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis	1,44	0,10	0,32	0,49	0,68	1,05	0,80	1,86	1,55	0,84	0,36
8	Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,12	0,09	0,09	0,08	0,06	0,08	0,06	0,05	0,07	0,04	0,02
9	Café, chá, mate e especiarias	6,77	5,32	5,33	5,54	6,43	8,22	8,41	9,15	9,41	7,89	7,54
10	Cereais	5,23	0,03	0,19	0,46	1,69	0,11	0,10	0,04	0,04	0,18	0,07
11	Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	0,01	0,78	0,21	0,25	0,36	0,68	2,30	1,41	1,04	0,21	0,09
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	0,71	0,21	0,42	0,41	0,38	0,35	0,59	0,62	0,57	0,70	0,51
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	0,21	0,21	0,11	0,02	0,03	0,02	0,02	0,07	0,01	0,23	0,00
14	Materiais p/ entrançar e outros produtos	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,02	0,03	0,04	0,00
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,03	0,04	0,02	0,03	0,21	0,11	0,13	0,14	0,44	0,48	0,53
16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02	0,03	0,02	0,03	0,09	0,44	0,32
17	Açúcares e produtos de confeitaria	0,09	0,27	0,14	0,24	0,09	0,33	0,58	0,67	0,72	0,68	0,67
18	Cacau e suas preparações	0,04	0,16	0,39	0,67	0,86	1,30	1,41	1,10	1,44	1,13	1,29
19	Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, etc.	0,13	0,14	0,11	2,20	1,73	1,03	0,36	1,37	2,63	2,13	3,01
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	0,03	0,01	0,00	0,02	0,02	0,03	0,06	0,07	0,08	0,04	0,03
21	Preparações alimentícias diversas	0,61	0,49	0,35	0,23	0,22	0,40	0,45	0,50	0,41	0,38	0,33
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	0,12	0,19	0,08	0,00	0,03	0,02	0,23	0,14	0,29	0,43	0,53
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	0,14	0,10	0,08	0,05	0,24	0,49	0,31	0,33	0,21	0,27	0,22
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	0,15	0,44	1,03	0,04	0,01	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros	0,90	0,64	0,60	0,60	0,66	0,99	1,08	1,05	0,69	0,41	0,21
42	Obras de couro, artigos de correio ou de seleiro, etc.	0,55	0,28	0,03	0,02	0,05	0,03	0,02	0,07	0,10	0,13	0,12
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	0,03	0,02	0,02	0,04	0,04	0,05	0,06	0,05	0,05	0,06	0,07
45	Cortiça e suas obras	0,00	0,00	0,01	0,03	0,01	0,00	0,01	0,00	0,01	0,01	0,03
47	Pastas de madeira ou materiais fibrosos celulósicos, etc.	2,72	2,46	2,19	2,21	2,50	3,28	2,97	2,63	2,78	2,11	1,91
48	Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02	0,02	0,01
50	Seda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
51	Lã, pelos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
52	Algodão	1,41	0,95	1,04	1,30	1,44	1,40	1,14	1,43	1,23	0,88	1,17
53	Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,00	0,01	0,03
Agronegócio		0,60	0,87	0,76	0,75	0,76	0,73	0,70	0,70	0,69	0,80	0,80

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria).

Podem-se destacar os capítulos 1, *animais vivos*; 4, *leite e laticínios*; 6, *plantas vivas e produtos de floricultura*; 7, *produtos hortícolas*; 11, *produtos da indústria de moagem*; 18, *cacau e suas preparações*; 19, *preparações à base de cereais*; e, finalmente, 52, *algodão*, que não apresentaram posição consolidada na especialização do comércio internacional, visto que houve oscilações, com períodos de competitividade e de desvantagens competitivas. O capítulo 4, *leite e laticínios*, por exemplo, a partir de 1999, apresenta tendência de crescimento da vantagem competitiva, chegando, em 2006, a um índice de 2,39. Entretanto, como o setor tem pequena inserção no mercado internacional, com participação abaixo de um ponto porcentual na pauta de exportações (Tabela 2), esse crescimento resultou em pequeno impacto nas contas externas do Estado.

Cabe, entretanto, destacar os setores que apresentaram desvantagem competitiva em todo o período, mas que, gradativamente, reduziram essas desvantagens. Podem-se destacar, entre outros, três importantes capítulos que, em 2006, responderam, conjuntamente, por cerca de 25% das exportações mineiras, quais sejam, 2, *carnes e miudezas comestíveis*; 12, *sementes e frutos oleaginosos*; e 17, *açúcares e produtos de confeitaria*. O capítulo 2, por exemplo, entre 2000 e 2006, reduziu consideravelmente as suas desvantagens, em uma conjuntura em que o país se tornou o maior exportador do mundo no setor de carnes, cujo índice passou de 0,23 para 0,67. Isso significa que o Estado conseguiu reverter suas desvantagens, em um ambiente de aumento de competitividade do setor no país, resultando, no período, em crescimento de US\$ 415 milhões nas exportações.

O agronegócio mineiro, considerando-se todos os produtos, apresentou, em todo o período, desvantagem competitiva; entretanto, essa desvantagem também vem sendo revertida, visto que o índice iniciou o período com 0,60 e terminou com 0,80. Nesse sentido, vale a pena identificar o fator determinante desse aumento. Conforme a descrição da metodologia, no caso do estado de Minas Gerais, o índice retrata a participação das exportações do agronegócio mineiro no total das

exportações do setor no país, em relação à exportação do Estado nas exportações totais do Brasil. O crescimento do indicador se deve a dois fatores; primeiro, ao decréscimo na participação estadual nas exportações totais do país, de 12,1% para 11,3%; e, principalmente, ao aumento da participação das exportações de Minas no total das exportações do agronegócio brasileiro, de 7,2% para 9,1%. Esse aumento na participação é bastante expressivo, tendo em vista que o agronegócio brasileiro, nesta última década, obteve desempenho notável, o que coloca o país entre as nações mais competitivas do mundo e demonstra o ganho de eficiência do setor em Minas Gerais.

A evolução da especialização do agronegócio mineiro, medida pelos indicadores de contribuição ao saldo comercial (ICSC), da Tabela 5, aponta um comportamento semelhante ao verificado por meio da vantagem comparativa revelada (VCR), como visto na Tabela 4. Isso porque, novamente, destacam-se os capítulos 9, *café, chá, mate e especiarias*, e 47, *pastas de madeira*, com as maiores contribuições para o saldo comercial. Essa contribuição, no decorrer do período, decresceu em razão da diversificação das exportações do Estado, com o aumento da contribuição dos capítulos 2, *carnes e miudezas*; 12, *sementes e frutos oleaginosos*; 16, *preparações de carne*, e 41, *peles e couros*.

Tabela 5 – Índice de contribuição ao saldo comercial (ICSC) do agronegócio mineiro, desagregado por capítulos, 1996 a 2006

CAPÍTULOS		1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1	Animais vivos	-2,37	-1,46	-0,96	-0,90	-0,79	-0,49	-0,74	-0,19	-0,02	-0,01	-0,03
2	Carnes e miudezas, comestíveis	0,07	-0,16	-0,07	0,18	0,55	1,29	1,59	1,65	1,33	1,02	1,76
3	Peixes e crustáceos, moluscos e outros	-3,08	-2,55	-2,65	-1,04	-0,61	-0,21	-0,15	-0,04	-0,05	-0,05	-0,16
4	Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	-15,57	-5,46	-2,90	-6,41	-4,85	-1,94	-1,95	-1,06	-0,36	-1,29	-1,11
5	Outros produtos de origem animal	-0,68	-0,54	-0,48	-0,40	-0,33	-0,65	-0,66	-1,28	-1,39	-0,32	-0,25
6	Plantas vivas e produtos de floricultura	0,06	0,02	0,02	0,03	0,03	0,02	0,02	0,01	-0,02	0,01	0,01
7	Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis	-1,95	-1,31	-3,91	-1,09	-0,82	-1,00	-1,08	-0,53	-0,36	-0,26	-0,22
8	Frutas, cascas de cítricos e de melões	-2,69	-3,15	-3,34	-2,15	-1,80	-1,78	-0,95	-0,73	-1,36	-2,09	-1,99
9	Café, chá, mate e especiarias	40,27	29,65	26,50	26,08	21,77	15,40	12,54	9,50	5,93	6,08	8,21
10	Cereais	-3,18	-3,58	-6,10	-8,58	-9,85	-8,74	-8,45	-8,73	-2,45	-2,01	-5,27
11	Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	-8,54	-5,04	-3,37	-2,22	-2,67	-3,16	-2,60	-1,73	-1,04	-0,62	-0,89
12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	2,05	0,81	1,44	0,96	1,43	1,07	1,71	2,11	1,26	1,08	0,86
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	-0,04	-0,05	-0,07	-0,12	-0,38	-0,25	-0,16	-0,16	-0,06	-0,05	-0,16
14	Materiais p/ entrançar e outros produtos de origem vegetal	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	-0,52	-0,21	-0,22	-0,09	-0,15	-0,17	-0,03	-0,15	0,22	0,17	0,21
16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	-0,16	-0,01	-0,03	-0,04	-0,01	-0,02	0,00	0,00	0,02	0,12	0,14
17	Açúcares e produtos de confeitaria	0,45	0,69	0,07	0,14	-0,73	0,07	0,95	0,77	0,38	0,41	0,92
18	Cacau e suas preparações	-0,02	-1,63	-1,96	-2,43	-2,35	-2,13	-0,96	-0,59	-0,74	-0,77	-0,49
19	Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, etc.	-0,43	-0,24	-0,85	-0,32	-0,80	-0,03	-0,50	-1,12	-1,31	-0,62	-0,17
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	-0,81	-1,86	-1,24	-0,35	-0,43	-0,53	-0,32	-0,18	-0,22	-0,28	-0,32
21	Preparações alimentícias diversas	0,22	0,17	-0,01	-0,16	0,05	0,06	-0,12	-0,07	0,00	0,02	0,01
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	-0,80	-0,05	-0,10	-0,10	-0,08	-0,09	-0,05	-0,12	-0,04	-0,01	0,16
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	1,11	0,47	0,18	0,06	0,76	1,41	0,73	0,70	0,28	0,22	0,19
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	-0,03	1,05	3,25	0,07	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
41	Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros	1,99	0,88	0,79	0,63	0,84	0,87	1,19	0,96	0,41	0,19	0,13
42	Obras de couro, artigos de correio ou de seleiro, etc.	-0,53	-0,30	-0,33	-0,12	-0,13	-0,11	-0,12	-0,07	-0,10	-0,07	-0,17
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	-0,30	-0,18	-0,12	0,02	0,06	0,05	0,10	0,08	0,04	0,02	0,03
45	Cortiça e suas obras	-0,01	-0,01	-0,13	0,00	-0,01	-0,01	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
47	Pastas de madeira ou materiais fibrosos celulósicos, etc.	8,82	4,86	4,56	5,46	7,99	5,80	4,15	3,96	2,21	1,18	1,50
48	Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	-2,90	-2,63	-3,38	-2,86	-4,60	-5,15	-3,70	-2,58	-2,25	-1,70	-2,07
50	Seda	-0,02	-0,01	0,00	-0,01	0,00	-0,01	0,00	0,00	0,00	-0,03	0,00
51	Lã, pêlos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
52	Algodão	-10,22	-8,04	-4,53	-4,18	-2,05	0,43	-0,39	-0,37	-0,28	-0,30	-0,80
53	Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	-0,19	-0,12	-0,04	-0,05	-0,02	-0,03	0,00	-0,02	-0,04	-0,01	-0,02
Agronegócio		11,09	23,88	22,75	21,14	19,16	20,00	21,03	24,66	28,46	33,34	33,09

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria).

Esse aumento de participação resultou no decréscimo dos indicadores de contribuição dos capítulos 9, *café, chá, mate e especiarias*; e 47, *pastas de madeira*, que passaram, entre 1996 e 2006, respectivamente, de 40,2 para 8,2 e de 8,8 para 1,5. Cabe ressaltar o comportamento do índice de contribuição do agronegócio nas exportações do Estado, que, no período, passou de 11,1 para 33,1. É importante destacar que esse aumento na participação se deu pela diversificação das exportações, o que minimizou o efeito de crises pontuais em países ou produtos específicos, como ocorreu com o decréscimo dos preços do café, entre 1997 e 2002, na economia do setor e, conseqüentemente, do Estado.

A análise da evolução da estrutura do comércio exterior e das vantagens competitivas pode ser feita pela identificação dos *pontos fortes* do setor, que, segundo o critério de Gutman e Viotti (1996), são os que apresentam, simultaneamente, taxa de cobertura maior que a unidade e vantagem comparativa revelada. Os produtos com desvantagem comparativa revelada e, simultaneamente, taxa de cobertura inferior à unidade são considerados *pontos fracos*. No caso em que se observam vantagem comparativa e taxa de cobertura inferior à unidade ou vive-versa, o produto é considerado *ponto neutro*. De acordo com as Tabelas 4 e 6, os capítulos foram identificados como “forte, fraco e neutro” e estão representados na Tabela 7.

Conforme dados da Tabela 7, a diversificação do agronegócio mineiro inicia-se a partir de 1999, com o aumento de capítulos identificados como “ponto forte” na economia. Antes desse período, apenas os capítulos 9, *café, chá-mate especiarias*; 47, *pastas de madeira* e, no ano de 1996, e 6, *plantas vivas*, eram considerados “pontos fortes”. Após 1999, os capítulos 1, *animais vivos*; 4, *leite e laticínios*; 18, *cacau e suas preparações*; 19, *preparações à base de cereais*; 41 *peles e couros*; e, finalmente, 52, *algodão*, apresentam, em pelo menos um ano, a identificação como “ponto forte”. O agronegócio mineiro, no estágio de crescimento do setor no país, manteve, na última década, a competitividade dos setores tradicionais, como *café e madeira*, e ainda diversificou a sua produção para outros setores com maior valor agregado. O indicador

de competitividade para o agronegócio mineiro demonstrou-se “neutro”, isso porque, como pode ser observado na Tabela 4, o setor apresenta desvantagem competitiva revelada, que vem sendo gradativamente revertida. Se mantiver essa tendência, sem sombra de dúvidas, em futuro próximo o setor será qualificado como “ponto forte” da economia, tendo em vista a grande contribuição para o saldo comercial de Minas Gerais.

Tabela 6 – Taxa de cobertura do agronegócio mineiro, desagregado por capítulos, 1996 a 2006

CAPÍTULOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1 Animais vivos	0,18	0,15	0,27	0,30	0,21	0,24	0,21	0,49	12,15	13,58	4,31
2 Carnes e miudezas, comestíveis	5,28	3,76	5,67	18,34	34,85	83,45	229,14	546,22	691,96	1838,84	3926,12
3 Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,81	0,35	0,00	0,00
4 Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	0,01	0,07	0,13	0,05	0,17	0,74	1,14	1,39	7,18	1,65	2,84
5 Outros produtos de origem animal	0,16	0,20	0,47	1,12	2,43	1,15	1,19	0,65	0,53	1,51	2,25
6 Plantas vivas e produtos de floricultura	221	262	5128	100	100	100	100	29	7	100	4728
7 Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis	0,13	0,01	0,02	0,21	0,31	0,30	0,23	0,58	0,60	0,46	0,22
8 Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,17	0,13	0,12	0,20	0,20	0,25	0,35	0,44	0,30	0,11	0,06
9 Café, chá, mate e especiarias	77817	11564	2030	3318	5331	475	166	90	71	247	858
10 Cereais	1,26	0,01	0,01	0,02	0,05	0,10	0,05	0,03	0,14	0,16	0,06
11 Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	0,00	0,03	0,01	0,02	0,02	0,04	0,20	0,22	0,20	0,08	0,03
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	30,96	37,71	34,97	31,37	59,18	47,20	55,89	152,74	140,27	209,35	118,25
13 Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	1,46	1,63	0,88	0,11	0,04	0,04	0,05	0,21	0,03	1,91	0,01
14 Materiais p/ entrançar e outros produtos de origem vegetal	100,00	0,75	0,00	100,00	2,93	100,00	1,33	100,00	100,00	100,00	0,07
15 Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	0,62	1,64	1,19	2,89	5,06	4,06	10,21	7,44	62,81	104,52	106,00
16 Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	0,03	0,15	2,07	1,39	5,83	4,43	11,47	11,11	83,28	375,77	25388
17 Açúcares e produtos de confeitaria	123,88	26,38	9,04	10,27	2,09	11,75	32,72	34,54	35,14	50,95	56,28
18 Cacau e suas preparações	2,54	0,26	0,61	0,70	0,94	1,45	3,40	4,92	4,88	4,42	5,63
19 Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, etc.	0,14	0,26	0,07	3,22	1,64	7,98	0,50	0,91	1,91	3,30	10,47
20 Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	0,59	0,06	0,08	1,19	0,98	0,84	2,70	4,44	3,66	1,44	1,15
21 Preparações alimentícias diversas	5,67	12,25	7,71	4,65	10,74	14,00	7,76	10,34	22,13	40,83	27,19
22 Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	0,39	3,96	1,14	0,10	0,53	0,48	6,88	2,45	14,13	26,66	45,73
23 Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	27,77	63,00	19,24	14,10	92,71	146,78	85,28	151,32	136,49	165,19	338,55
24 Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	4,18	28,59	9116,01	4717,87	100,00	100,00	9,17	8,07	17,03	100,00	100,00
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros	100	197	252	75	54	37	221	2454	833	6340	501
42 Obras de couro, artigos de correio ou de seleiro, etc.	0,53	0,67	0,08	0,20	0,41	0,28	0,25	1,13	1,25	2,04	0,72
44 Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	1,12	1,51	2,32	11,07	19,13	18,88	72,01	90,09	55,25	39,61	33,55
45 Cortiça e suas obras	0,01	0,00	0,00	0,10	0,01	0,00	0,02	0,01	0,04	0,06	0,22
47 Pastas de madeira ou materiais fibrosos celulósicos, etc.	2959	645	368	100	744	1344	1413	1903	705	179	191
48 Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	0,02	0,01	0,01	0,02	0,01	0,01	0,02	0,05	0,09	0,12	0,06
50 Seda	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,11
51 Lã, pêlos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina	0,00	0,00	0,19	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
52 Algodão	0,49	0,41	0,77	0,98	2,39	23,10	6,78	9,20	13,06	12,04	5,75
53 Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,92	0,11	0,05	0,56	0,54
Agronegócio	4,34	7,62	8,00	8,76	8,79	10,98	12,65	14,40	21,36	28,38	22,16

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria).

Tabela 7 – “Pontos fortes” e “pontos neutros” do agronegócio mineiro, desagregado por capítulos, 1996 a 2006

CAPÍTULOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1 Animais vivos	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Fraco	Forte	Neutro	Neutro
2 Carnes e miudezas, comestíveis	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
3 Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
4 Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	Fraco	Neutro	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
5 Outros produtos de origem animal	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro
6 Plantas vivas e produtos de floricultura	Forte	Neutro	Neutro	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Neutro	Neutro	Neutro
7 Produtos hortícolas, plantas, raízes comestíveis	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco
8 Frutas, cascas de cítricos e de melões	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
9 Café, chá, mate e especiarias	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
10 Cereais	Forte	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
11 Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
13 Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	Neutro	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
14 Materiais p/ entrançar e outros produtos de origem vegetal	Neutro	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Fraco
15 Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
16 Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
17 Açúcares e produtos de confeitaria	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
18 Cacau e suas preparações	Neutro	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
19 Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, etc.	Fraco	Fraco	Fraco	Forte	Forte	Forte	Fraco	Forte	Forte	Forte	Forte
20 Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
21 Preparações alimentícias diversas	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
22 Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	Fraco	Neutro	Fraco	Neutro	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
23 Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
24 Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Forte	Forte	Forte	Neutro	Neutro	Neutro
42 Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc.	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Neutro	Neutro	Neutro	Fraco
44 Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro
45 Cortiça e suas obras	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
47 Pastas de madeira ou materiais fibrosos celulósicos, etc.	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
48 Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
50 Seda	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
51 Lã, pêlos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
52 Algodão	Neutro	Neutro	Neutro	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte	Neutro	Forte
53 Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
Agronegócio	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro	Neutro

Fonte de dados: sistema ALICE/SECEX (elaboração própria).

4. Conclusões

O atual estágio de desenvolvimento do agronegócio brasileiro, que coloca o país entre as nações mais competitivas do mundo na produção de *commodities* agroindustriais, teve o seu momento de inflexão a partir de 2000, com a desvalorização do real e com o aumento da demanda no mercado internacional.

Dentro desse contexto, o agronegócio mineiro aumentou sua vantagem competitiva no país, diversificando a pauta e o destino de suas exportações. Cabe destacar o crescimento nas receitas para os “novos mercados”, que superou o verificado nos “mercados tradicionais”. Essa diversificação tem significado importante para o estado de Minas, na medida em que diminui a dependência de regiões como União Européia e Nafta, que, apesar de participarem de fóruns internacionais de liberalização comerciais, ainda insistem em manter, principalmente para o setor agrícola, políticas comerciais protecionistas e altas barreiras tarifárias.

A análise da evolução da estrutura do comércio exterior e das vantagens competitivas, com base nos indicadores de fluxos comerciais, evidenciou também a diversificação do agronegócio mineiro, com o aumento de capítulos identificados como “ponto forte” na economia. No ciclo de crescimento do setor no país, o agronegócio mineiro manteve, na última década, a competitividade dos setores tradicionais e ainda diversificou a sua produção para outros setores com maior valor agregado. Entretanto, o indicador de competitividade para o agronegócio mineiro foi “neutro”, isso porque o setor apresentou desvantagem competitiva revelada, que vem sendo gradativamente revertida. Se mantiver essa tendência, sem sombra de dúvidas, em futuro próximo o setor será qualificado como “ponto forte” da economia, tendo em vista a grande contribuição para o saldo comercial mineiro.

Por fim, cabe ressaltar que a continuidade do processo de desenvolvimento e da competitividade do agronegócio mineiro, descrito neste trabalho, depende de conjuntura macroeconômica que garanta câmbio competitivo

e taxas de juros reais que possam viabilizar novos investimentos produtivos e, também, a melhoria da infra-estrutura e da logística de suporte ao setor. Neste último aspecto, o governo do Estado tem papel importante na promoção da melhoria das condições das rodovias e ferrovias, garantindo o escoamento da produção a custos competitivos, bem como no investimento em biotecnologia, o qual pode ser decisivo, em futuro próximo, na determinação das vantagens comparativas no mercado internacional.

Referências

BACHA, Carlos José Caetano. **Economia e política agrícola no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2004.

BALASSA, Bela. **Trade liberalization and revealed comparative advantage**. Washington: World Bank, 1965.

FERNANDES, Cândido Luiz de Lima; VIEIRA, João Eustáquio Ribeiro. Especialização e competitividade de Minas Gerais no mercado internacional: um estudo de indicadores de comércio exterior no período de 1992 a 1999. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 9., 2000, Diamantina. **Anais...** Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1998.

GUTMAN, G. E.; MIOTTI, L. E. Exportaciones agroindustriales de América Latina y Caribe: especialización, competitividad y oportunidades comerciales em los mercado de la OCDE apud HIDALGO, Álvaro Barrantes. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, p. 491-515, jul.1998. Número especial.

HIDALGO, Álvaro Barrantes. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, p. 491-515, jul.1998. Número especial.

JANK, Marcos Sawaya; NASSAR, André Meloni; TACHINARDI, Maria Helena. Agronegócio e comércio exterior. **Revista USP**, São Paulo, n. 64, p.14-27, fev. 2005.

LAFAY, G. Mesure des avantages comparatifs reveles. **Économie perspective intentionale**, Paris, n. 41, 1990.

MAIA, Sinézio Fernandes. Transformações na estrutura produtiva de Estado do Paraná na década de 90: análise por vantagem comparativa. In: MAIA, Sinézio; MEDEIROS, Fernandes; NATALINO, Henrique (Orgs.). **Transformações recentes da economia paranaense**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005. 156 p.

SECEX/MICT. Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. **Disponível através do sistema ALICE** (Análise das Informações de Comércio Exterior): <<http://www.aliceweb.gov.br>>. Acesso em: entre 15 a 10 fev. 2007.

ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000. p.1-21.

Abstract - The present development in the Brazilian Agro-business, which regards this country as one the most competitive nations in terms of agro industrial commodities, had its best expansion moments from 2006 on especially with the fall of Real currency and due to an increasingly demand in the international market. The aim of this article is to analyze the specialization and competitiveness of the agro-industry in the state of Minas Gerais and its contribution to the increase in the Brazilian exportations. To that end, indexes based on commercial flux will be used so that we are able to identify the trends in the international market in terms of specializations. The analyses of the international business structure and the profitable competitiveness have shown the diversity of Minas Gerais agro-business, started off in 1999, with the increase in the so-called 'strong spots' of economy. Not only did Minas Gerais State manage to keep the competitiveness in traditional sectors such as coffee and timber industry but it also diversified its production to other potential sectors of its economy. However, the competitiveness index has come as 'neutral' due to low competition, a fact that has been gradually overcome. Should such tendency maintain, without a shadow of doubt, the agro-business will soon be considered as a strong spot in the Mineira economy.

Key words: competitive advantage, specialization, agro-business.

